O pesquisador enquanto entrevistado do programa Caminhos da UEPA[1]

Mariana Costa CASTRO[2]

Maria Ataíde MALCHER[3]

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo: O artigo pretende fazer uma breve análise da figura do pesquisador como entrevistado nos programetes de duração de um minuto e meio, exibidos em TV aberta, do Projeto Caminhos da UEPA, provocado por levantamento que mostra que 59,4% dos entrevistados no programa são pesquisadores da universidade. Nesse sentido, busca-se analisar a pertinência desses pesquisadores como entrevistados e em que medida isso pode ou não representar a ideia de uma ciência moderna, em que esses indivíduos aparecem como autoridade superior no campo científico.

Palavras-chave: Ciência; Pesquisador; Divulgação Científica.

Introdução

O pesquisador ou cientista representa papel fundamental nos debates que correm em torno de uma ciência que deveria ser feita em conjunto com o saber comum. Esse personagem, entretanto, assim como pode representar um elemento fundante nessa relação de parceria, pode também se tornar uma figura de autoridade supostamente superior a partir do tipo de conhecimento que detém. A mídia alimenta também essa visão de superioridade ao considerá-lo muitas vezes como única fonte de confiança, desconsiderando o senso comum como fonte de conhecimento.

Partindo dessa discussão, o artigo traz a proposta de analisar o papel do pesquisador como entrevistado do programa Caminhos da UEPA, realizado pela produtora Academia

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Estudante do 5º semestre do Curso de Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq do Projeto de pesquisa Ciência e Comunicação na Amazônia (CIECz). Colaboradora das atividades desenvolvidas no projeto Academia Amazônia (FACOM/UFPA) e no Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia (AEDi/UFPA). Email: marianacocastro@gmail.com

[3] Orientadora do trabalho. Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora adjunta da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará e coordenadora do Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, do Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia da Assessoria de Educação a Distância da UFPA, e dos projetos Ciência e Comunicação na Amazônia e Academia Amazônia. Email: ataidemalcher@uol.com.br

Amazônia[4], da Universidade Federal do Pará. O programa consiste em edições de um minuto e meio, voltadas para a divulgação de ações, cursos e projetos de ensino, pesquisa e extensão realizados na Universidade do Estado do Pará (UEPA).

O programa Caminhos da UEPA é veiculado semanalmente em televisão aberta, com inserções nos intervalos da programação da TV Nazaré. O programa conta ainda com três inserções semanais com chamadas na TV Cultura e seis inserções semanais com chamadas na rádio Cultura FM, ambos meios de comunicação públicos sob a administração da Fundação Paraense de Radiodifusão (FUNTELPA). Além dos demais meios, as versões radiofônicas e televisivas são disponibilizadas e arquivadas no portal[5] da universidade. Para a análise a ser desenvolvida nesse artigo, consideramos apenas roteiros e conteúdos relacionados à versão veiculada em televisão aberta e na internet. A cada edição do programa é utilizada apenas uma fala (ou seja, uma sonora) para ilustrar o tema do programa, opção feita devido a curta duração de cada programa.

A fim de compreender o recorte analisado nesse artigo e a importância do dado que compõe essa análise, é fundamental entender a concepção do programa Caminhos da UEPA. O programa propõe divulgar os projetos e cursos da Universidade do Estado do Pará, sobretudo partindo do ponto de vista de que o conceito de universidade deve envolver diretamente a construção de conhecimento junto da sociedade. Para tanto, o programa tem como proposta trazer em cada edição a fala de um membro da comunidade científica, o que inclui não apenas pesquisadores, mas também alunos, técnicos, usuários e os demais membros que constroem a universidade.

O questionamento deste artigo surge a partir de levantamento realizado pelas bolsistas do projeto Ciência e Comunicação na Amazônia, o CIECz, em relação a diversos aspectos relacionados às primeiras 54 edições do Caminhos da UEPA, número correspondente ao ciclo de dois anos de programa. Dentre os aspectos avaliados constam cursos com maior participação nas edições, áreas de conhecimento que são abordadas nos programas, e ainda os principais atores da universidade entrevistados nos programas. Dentre os dados levantados, o percentual

[4] Projeto de extensão da Faculdade de Comunicação da UFPA, que conta com o apoio da Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa (FADESP) e desenvolve diversos produtos comunicacionais, principalmente em audiovisual, voltados para a divulgação científica e cultural da Amazônia.
[5] www.uepa.br

correspondente ao principal personagem entrevistado no programa chamou a atenção: 59,4% são pesquisadores da universidade.

Provocadas pela disparidade entre a presença da categoria classificada como pesquisador e as demais que compõem a comunidade universitária, sentimos a necessidade de avaliar o quanto esse valor pode refletir aspectos de uma ciência que permanece centrada na figura do pesquisador/cientista e distante de um diálogo com o senso comum, e consequentemente como isso pode refletir o distanciamento das linhas propostas para o programa. O artigo pretende então avaliar a partir de determinados casos o quanto as opções feitas podem ser pertinentes ou limitadas a uma proposta de pauta e roteiro que reproduz a visão de uma ciência moderna.

O levantamento e uma proposta de auto-avaliação

O projeto Ciência e Comunicação na Amazônia, da Universidade Federal do Pará, tem como área de ação os projetos voltados para promoção da igualdade cultural, social e ambiental na região amazônica, envolvendo seus bolsistas em parcerias com outros projetos da universidade como a produtora audiovisual Academia Amazônia, na análise e construção de produtos de divulgação científica em diversos formatos. Em sua terceira fase, iniciada no ano de 2012, o projeto se volta para os estudos de recepção das produções desenvolvidas por sua equipe até o momento.

Para dar início a uma primeira pesquisa de recepção realizada no projeto, foi levantado um corpus definido dentre o primeiro ciclo de dois anos do programa Caminhos da UEPA, correspondente aos primeiros 54 programas. A partir desse corpus, a equipe do projeto CIECz realizou um levantamento quantitativo, considerando diversas categorias pré-definidas pela equipe, dentre elas, os cursos e projetos abordados nos programas, os *campi*[6] da Universidade mencionados, os parceiros e financiadores dos projetos, e a posição ocupada na universidade pelos entrevistados de cada programa. Neste artigo nos voltaremos para um dado específico,

[6] Estruturalmente, a Universidade do estado do Pará é dividida em 20 campi espalhados pela capital e interiores. Cinco campi estão localizados na cidade de Belém e são divididos por áreas de conhecimento, como o Campus I - Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE) e o Campus II – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), dentre outros. Outros 15 campi estão espalhados por municípios do interior do estado do Pará, com apenas um campus por município.

obtido a partir do levantamento dos entrevistados de acordo com suas posições dentro da universidade, a partir do qual percebemos que 59,4% das entrevistas apresentadas nos programas tem como ator o pesquisador. Para compreender a importância desse dado é importante destacar as categorias da universidade aqui consideradas.

A categoria dos pesquisadores inclui funcionários vinculados à Universidade do Estado do Pará como professores, e que exercem cargos também como coordenadores ou orientadores em projetos de pesquisa e extensão, ou ainda cargos administrativos na reitoria ou em pro-reitorias. Em relação a percentuais de presença nos programas, os pesquisadores foram organizados em categorias que incluem a reitora da universidade (3,7%), os pró-reitores (1,9%), o professor externo (1,9%), o professor da Universidade (11,1%) e o coordenador (40,8%), representando 59,4% do total de entrevistados. Também como funcionários, temos os servidores da Universidade, que representam 5,6% dos entrevistados. Estes, entretanto, não foram incluídos dentre os pesquisadores por exercerem cargos que exigiam ações apenas administrativas e não voltadas à pesquisa.

Dentre a categoria dos estudantes estão incluídos os discentes de graduação e pós-graduação da universidade, que atuam nas entrevistas como alunos ou integrantes de projetos de pesquisa e extensão na universidade. Nessa categoria, os entrevistados foram divididos em alunos (7,4%), bolsistas de projetos (5,6%), e integrantes de projetos (7,5%), totalizando aproximadamente 20,5% dos entrevistados.

Alguns entrevistados se encaixam ainda na categoria de comunidade externa, ou seja, aqueles que não vivem o cotidiano da universidade, mas que ocasionalmente possuem relação com essa instituição. Nessa categoria foram considerados os entrevistados que eram atendidos por projetos de extensão da UEPA, correspondente a 11,1% dos entrevistados, assim como estudantes de Ensino Médio com intenção de ingressar nessa instituição como alunos, correspondentes a 1,9%. A comunidade externa totalizou então aproximadamente 13% dos entrevistados pela equipe do projeto.

A variedade de categorias de entrevistados mostra que houve uma busca por utilizar diferentes vozes para caracterizar os temas de cada programa, entretanto mais da metade dos entrevistados ainda pertence ao grupo dos pesquisadores. Considerando que o projeto CIECz busca construir produtos de divulgação científica que reforcem a democratização da ciência e sua

construção em parceria com o senso comum, e ainda ao pensar que o próprio programa Caminhos da UEPA propõe a imagem de uma instituição que não se constrói de forma isolada da sociedade, mas em parceria com ela, a manutenção da preferência do pesquisador como fonte pode demonstrar ainda uma concepção da ciência moderna, que se volta para a figura do pesquisador/cientista como principal detentor de conhecimento válido.

Pesquisadores, os protagonistas do campo científico

Segundo Bourdieu (1983), a sociedade é composta por diferentes campos superpostos, cada qual com suas normas de funcionamento particulares, onde as disputa pelas posições dominantes giram em torno do acúmulo de capital econômico, social, cultural ou capital simbólico. De acordo com determinado *habitus* referente ao campo específico (político, econômico, científico e etc.), os indivíduos reproduzem ações legitimadas nesses campos em relações de poder construídas a partir dos capitais que agregam.

O campo científico, como afirma o autor, possui também seu *habitus* específico e gera relações de poder que em muito explicam essa relação onde o pesquisador ou cientista é considerado como fonte superior ao senso comum. Nesse sentido, o cientista busca a autoridade científica, que pode ser alcançada a partir de uma combinação de valores agregados, capitais técnicos e simbólicos, que tornarão sua fala legítima.

> O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado.(BOURDIEU, 1983, p. 122-123)

A doxa também é um conceito defendido por Bourdieu (1983) para se referir ao conjunto de hábitos e regras específicos do campo científico, e que o diferenciam dos demais campos. Para o autor, os doxófonos, que vivem sob as regras da doxa, praticam uma ciência que serve a si mesma e não à sociedade e por isso defendem e impõem "a crença de que sua falsa ciência é perfeitamente independente das demandas sociais e que ela só satisfaz tão bem porque afirma sua grande recusa de servi-Ias" (BOURDIEU, 1983, p.147). Considerando essas condições em que a doxa defende o distanciamento da sociedade, e em que a legitimação da fala no campo científico

se dá apenas pelo acúmulo de capital técnico e simbólico, já é possível compreender como se constitui essa opção pela fala do pesquisador como fala legítima em contraponto do senso comum.

O pesquisador/cientista está ainda tão sujeito a envolver interesses partidários, ideológicos ou pessoais em seus pontos de vista quanto qualquer outra categoria. Esse fato leva-nos a considerar que a legitimidade superior atribuída a essa categoria é questionável, considerando os diversos fatores envolvidos em suas tomadas de decisões.

> A ciência e a tecnologia, no mundo moderno, constituem-se em mercadorias, produzidas e apropriadas pelos grandes interesses, e as fontes, sejam elas pesquisadores, cientistas ou técnicos, podem estar absolutamente contaminadas por vínculos de toda ordem.(...) O cientistas, os pesquisadores defendem posições, submetem-se a patrocínios, tem suas idiossincrasias, mantêm relações de afinidade com partidos políticos, correntes ideológica etc. (BUENO, 2005, p.2)

Essa forma de interpretar as relações no campo científico reproduz o que Santos (1987) denomina de ciência moderna, na qual os conhecimentos científicos legítimos são construídos a partir de um distanciamento da sociedade. Para este autor, entretanto, esse paradigma moderno, ao qual ele dá o nome de "paradigma dominante" de ciência entra em decadência sendo substituído por um "paradigma emergente", onde a ciência é construída em parceria com o senso comum, ou como ele mesmo define, um "paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente" (SANTOS, 1987). O entendimento de Santos (1987) desse paradigma que se estabelece na pós-modernidade reflete a proposta de ciência que se intenciona estar presente no programa Caminhos da UEPA.

> Na ciência moderna a ruptura epistemológica simboliza o salto qualitativo do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico; na ciência pós-moderna o salto mais importante é o que é dado do conhecimento científico para o conhecimento do senso comum. O conhecimento científico pós-moderno só se realiza enquanto tal na medida em que se converte em senso comum. (SANTOS, 1987, p.57)

Apesar das afirmações de Santos (1987) em relação à queda do paradigma dominante, ainda é possível perceber resquícios de sua existência em muitos produtos da mídia. Aqui é importante considerar se o número de entrevistas com pesquisadores no programa Caminhos da UEPA, que ultrapassa a metade das edições do mesmo, pode representar ainda um reflexo dessa visão moderna de ciência e, portanto, a busca por uma voz considerada legítima no campo

científico. Para tanto é preciso voltar-se para a produção realizada nesses 54 programas e considerar os conteúdos que os compõem para compreender as decisões tomadas em sua construção.

Explorando as entrevistas

É importante considerar que a fala do pesquisador/cientista possui grande representatividade para se compreender o funcionamento da universidade, assim como a fala do estudante e da comunidade externa que interage com a instituição. Por isso, não é interessante limitar os entrevistados às demais categorias e desconsiderar o pesquisador, mas analisar por que este ainda se constitui como o principal entrevistado na maior parte dos programas. Em alguns casos o programa pede falas específicas de atores da universidade como professores, coordenadores de projetos ou a própria reitora. Nesse sentido, optar por entrevistados que componham a categoria dos estudantes ou da comunidade externa pode resultar em uma incoerência na proposta da edição.

Um percentual de 3,8% dos programas, por exemplo, é caracterizado por edições que apresentam a categoria do pesquisador como a temática principal. Nessa categoria está incluído o programa "Série Comunidade Acadêmica – Professor", edição integrante de uma série de programas que mostra os grupos formadores da estrutura da UEPA, assim como o programa "Série de Aniversário – Pesquisador", edição voltada para o aniversário de dois anos do programa Caminhos da UEPA e cuja entrevista se volta para a importância dos programas para a divulgação de projetos de pesquisa na universidade. Em ambas as edições o entrevistado é o professor Robson Domingues, coordenador do Laboratório de Morfologia e professor do curso de medicina da UEPA. Nesses casos, não há opção senão entrevistar os atores que são temática principal de cada programa, assim como foi feito nos outros programas das séries, nos quais foram temáticas os alunos e os servidores da universidade.

Outros 7,6% dos 54 programas correspondem a edições que apresentam caráter mais institucional. Nesses casos, os roteiros abordam também a relação universidade/sociedade, mas voltam-se para questões administrativas que fortalecem essa relação. Dentre essas edições é possível destacar o programa piloto "Caminhos da UEPA: ações que repercutem no dia-a-dia", em que o projeto dos programas é apresentado para o público contendo a fala da reitora da

UEPA, Marília Xavier. Nesse caso, a fala da reitora destaca a ideia de universidade e os projetos de ensino, pesquisa e extensão que serão tratados nos programa seguintes. A fala segue a ideia inicial apresentada no roteiro, de identificar de forma geral o tema central a ser abordado nos programas, a UEPA.

> "A UEPA é estratégica para o desenvolvimento do Pará. Caminha por onde o povo do Pará caminha. Do Marajó até o Araguaia, estamos presentes em 50 municípios. Ensino, pesquisa e extensão que está no dia-a-dia do povo paraense. Venha fazer parte da história da UEPA, a universidade que é do estado do Pará." (CAMINHOS DA UEPA, "Piloto - Caminhos da UEPA: Ações que repercutem no dia a dia", Sonora)

Outros programas, entretanto revelam algumas possibilidades de se explorar outros entrevistados que não o pesquisador. É o caso do programa "A melhor idade para ver as estrelas". Nesse caso, o roteiro traz no off uma proposta que não necessariamente se prende ao coordenador do projeto ou a uma linha institucional. O texto do off destaca justamente a oportunidade que o projeto "A Melhor Idade Para Ver As Estrelas", parceria entre o curso de Terapia Ocupacional e o Planetário do Pará Sebastião Sodré da Gama, oferece para os estudantes da universidade como experiência acadêmica, e para os idosos que são o público do projeto de extensão.

> "Além de trazer de volta a autonomia de seus participantes, o projeto representa uma oportunidade para os estudantes de Terapia Ocupacional colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula." (CAMINHOS DA UEPA, "A Melhor Idade Para Ver As Estrelas", off)

Apesar da sugestão contida no roteiro, a entrevista que segue o texto é da coordenadora do projeto Kharinni Ushôa, cujo depoimento fala de forma generalizada sobre os benefícios que a Terapia Ocupacional traz para os idosos. Nesse caso, a fala de um estudante ou de um idoso atendido pelo projeto talvez fosse uma forma tão ou mais interessante de também mostrar o quanto as atividades executadas no projeto são importantes para a formação ou a saúde de um dos determinados grupos.

Na edição "Programa piloto de Telessaúde" o roteiro destaca a oportunidade da formação para profissionais do interior do estado, a ligação entre os campi da universidade na capital e no interior e a melhora no tratamento para os pacientes dessas cidades a partir das atividades do programa que é tema central. O entrevistado, entretanto, é novamente o pesquisador, no caso, o

coordenador do projeto de Telessaúde na UEPA, professor Emanuel Sousa. A gama de possibilidades levantadas no roteiro oportuniza a utilização de entrevistados como os profissionais do interior, que estariam amparados pelo projeto da universidade, assim como os pacientes desses profissionais, que poderiam dar um panorama da melhora no atendimento.

No caso do programa "MBE – Medicina baseada em evidências" a escolha do entrevistado concorda com a proposta direcionada pelo roteiro, ainda que não se trate de um programa com temática institucional. O tema volta-se para uma política da universidade adotada para o curso de medicina. Com essas informações é possível dizer que diversas vozes poderiam servir de entrevistados. Entretanto o roteiro do programa direciona para um determinado aspecto que leva à necessidade da figura do coordenador, a gestão em saúde.

> "Segurança no atendimento e redução de custos. É a ciência contribuindo para a gestão e serviço em saúde." (CAMINHOS DA UEPA, "MBE – Medicina Baseada em Evidências", off)

Concordando com a proposta da gestão, é escolhido como entrevistado o coordenador do Laboratório de Medicina Baseada em Evidências, o professor Régis Andriolo. No caso específico desse programa, é interessante destacar que tanto o trabalho desenvolvido no laboratório quanto a fala do professor destacam o papel dos projetos de pesquisa e do pesquisador em trabalhar pela sociedade, características que são parte do "paradigma para uma vida decente" proposto por Santos (1987).

> "Um achado científico é um meio pelo qual um pesquisador ou um gestor ele lança mão pra planejar ações em serviços de saúde, né? Então trabalho científico é planejamento. Pra quê? Pra errar menos, pra deixar de gastar recursos humanos e financeiros desnecessariamente." (CAMINHOS DA UEPA, "MEB – Medicina Baseada em Evidências", Sonora)

É importante destacar aqui ainda os programas em que são realizadas entrevistas com outras categorias que compõem a universidade, como é o caso do "Programa especial – Gestantes", em que são destacadas as atividades da universidade voltadas para esse grupo, e ainda a edição "Pará Leitura Vai-quem-quer", que trata de um programa de incentivo à leitura, realizado pela Universidade na localidade de Vai-quem-quer. As entrevistas cedidas em ambos os programas, uma realizada com uma gestante e a outra com uma professora da localidade, são

tão ricas sobre a importância desses projetos quanto as demais entrevistas realizadas com pesquisadores e estudantes.

Apesar de realizar o levantamento e tecer algumas considerações sobre as possibilidades que podem ser desdobradas nos programas que compõem o *corpus*, não há intenção de determinar respostas corretas ou incorretas quanto às escolhas feitas pela produção dos mesmos. Há a necessidade de refletir sobre os produtos gerados até o momento pelo projeto a partir dos resultados obtidos, na tentativa de compreender de que forma as propostas desenvolvidas pelo CIECz tem sido cumpridas e o quanto ainda precisa ser repensado e desenvolvido para que os objetivos sejam alcançados.

Considerações finais

Na análise do corpus selecionado do Programa Caminhos da UEPA, o pesquisador é ainda interpretado como fonte mais qualificada para se obter informação. Esse ponto de vista deveria ser repensado a partir da proposta da ciência que deve trabalhar em parceria com o senso comum, considerando também que pesquisadores são tão suscetíveis aos interesses pessoais quanto qualquer indivíduo.

Nesse sentido é preciso considerar a pertinência de utilizar o pesquisador como entrevistado sem que essa preferência esteja relacionada a um lugar de superioridade em relação ao senso comum, ou no caso dos programas do projeto Caminhos da UEPA, de estudantes e da comunidade. Para tanto, voltar os olhos para o que já foi produzido é fundamental, para entender se as decisões tomadas durante a produção dos programas estiveram de acordo com as propostas gerais do projeto de divulgação de uma ciência sensocomunizada.

Ao fazer essa breve análise de conteúdo dos dados obtidos em relação aos entrevistados é possível perceber que algumas opções poderiam ser revistas, pois abririam oportunidades para incluir a voz dos estudantes e da comunidade. Entretanto, alguns aspectos além do dado devem ser levados em conta quando se considera a seleção do pesquisador como fala do programa, especialmente porque deve existir uma coerência entre a proposta, o roteiro e o entrevistado do programa. Em muitos casos, foi a este aspecto que se deveu a opção pelo pesquisador.

Os temas propostos assim como a abordagem dada a pautas e roteiros são de fundamental contribuição para a construção de um programa que divulgue uma ciência que se faça em

parceria com a sociedade. E ter a universidade como espaço central desses programas mostra a necessidade de se manter projetos de divulgação científica na região, para que essa riqueza de propostas extrapole os muros das instituições de ensino, e outras iniciativas possam ser construídas. Desenvolvemos esse processo de autorreflexão para compreender como podemos melhorar os processos desenvolvidos no projeto e assim incentivar a divulgação da ciência na região.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais. p. 122-55.

BUENO, Wilson da C. **O Jornalismo Científico e o compromisso das fontes.** Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernando, São Bernardo, nº3, 2005. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/GCSB/reproducoes_jorn_cient.pdf> Acesso em: 01 abr. 2013.

LOPES, Suzana. **Os dilemas da adolescente comunicação:** Identificando os esforços para a formação de um *habitus* científico no Curso de Comunicação Social da UFPA. 2010. 200f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo), Faculdade de Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1987.